

Uma realidade do Hospital de Base

CORREIO BRAZILIENSE

Roberto Nogueira Ferreira

10 MAI 1997

Magalhães Pinto, político e banqueiro, cunhou a frase que ainda hoje estimagiza a medicina de Brasília. "O melhor hospital de Brasília é a ponte aérea", disse-o certa vez. E foi seguido por outros menos abonados, que a qualquer dor de barriga requisitavam seus bilhetes aéreos, pagos pelo contribuinte, e retornam urgente para suas bases eleitorais e hospitalares.

A doença de Tancredo, seguida de seu martírio e morte, veio acrescentar outro capítulo ao folclore da medicina de Brasília e, em particular, ao Hospital de Base. Os destinos de Magalhães e Tancredo, notórios inimigos da política mineira dos bons tempos, unem-se, assim, em má hora, contra a medicina de Brasília.

Ficou o estigma, cruel e desumano. Para o "povão" de Brasília, que não dispõe do mesmo mecanismo de financiamento de bilhetes aéreos, a alternativa é o HBDF e os demais hospitais da rede pública da cidade. Mas não se preocupem, pois não se trata de uma alternativa qualquer; pelo contrário, é uma ótima alternativa.

As estatísticas mais recentes sobre o nível de satisfação do usuário do Hospital de Base são provas contundentes da qualidade do serviço da rede hospitalar pública do Distrito Federal. Antes, porém, devo abrir um parêntese: os usuários do Hospital de Base são, em sua maioria, não residentes no DF. Uma das estatísticas mais confiáveis, a de tratamento de câncer infantil no HBDF, e no Hospital de Apoio, é contundente: dois terços dos pacientes residem fora do Distrito Federal. Destes, mais da metade nas regiões Norte e Nordeste.

Voltando ao nível de satisfação dos usuários, a pesquisa do início do ano evidencia que 76% dos usuários do HBDF acham "bom/ótimo" o atendimento prestado pelo hospital; 19% o consideram "regular", e apenas 5% o consideram "ruim/péssimo". O índice bom/ótimo é superior à média da rede pública do DF, e o ruim/péssimo é a metade da

CIRURGIAS NO HBDF					
Itens/período	1993/total	1993/média/dia	1996/total	1996/média/dia	Varição (96/93)
Eletivas	3.561	9,7	4.259	11,7	19,6%
Emergências	3.993	10,9	4.191	11,5	4,9%
Total	7.554	20,7	8.430	23,0	11,6%
Cirurgiões	65	—	56	—	(-14)
Cirurgias/médicos	116	—	150	—	—

média da rede. Estratificando a pesquisa, nenhum usuário do HBDF classificou de ruim/péssimo o atendimento do Pronto-Socorro, que mereceu 64% de aprovação e 36% de classificação regular. Nas enfermarias do HBDF a avaliação não surpreende os que convivem com o dia-a-dia do hospital: 100% de classificação bom/ótimo. A performance mais crítica no HBDF é a do atendimento ambulatorial, apesar de 70% dos entrevistados considerarem o atendimento em nível bom/ótimo. Mas, em contrapartida, 13% o consideram ruim/péssimo. É nos ambulatorios que se concentram as filas, as dificuldades para marcação de consultas e o "gargalo" administrativo.

Mas se esses números, vistos isoladamente, surpreendem positivamente, mais significativos eles ficam quando comparados com as estatísticas quantitativas do HBDF. Confrontando os dados do ano-base 1993 (200.632 consultas, 184.703 emergências e 10.312 internações), com os de 1996 (212.509 consultas, 218.924 emergências e 10.160 internações), o que se constata é que, enquanto cresce a demanda por atendimento, diminui o quadro de servidores do hospital, e o que é mais gratificante, sem prejuízo da qualidade do atendimento, que se dá em níveis ascendentes de satisfação.

Observa-se que as internações, que são limitadas pelos números de leitos disponíveis, pouco se alteram ao longo dos anos, apresentando pequenas variações, positivas ou

negativas. Já os dois outros itens, consultas e atendimento de emergência, impressionam ainda mais quando vistos sob a ótica da unidade/dia: 582 e 599, respectivamente.

Espetaculares são os números das cirurgias realizadas no HBDF no mesmo período. Nesse quesito, é da maior relevância destacar que, enquanto a quantidade de cirurgias cresce, o número de cirurgiões diminui. Isso significa aumento de produtividade. Analisemos o quadro acima.

Apesar da redução do número de cirurgiões do HBDF, menos 14% em relação a 1993, em 1996 o número de cirurgias cresceu em 11,6%. Pode-se afirmar, com pequena margem de erro, que o índice de produtividade da cirurgia no HBDF, no período enfocado, é de 1,29, ou seja, crescimento de quase um terço na capacidade individual dos profissionais habilitados para cirurgias.

A quantidade/dia de cirurgias de emergência continua crescendo. Em 1996 chegou ao limite de 11,6. Boa parte dessa cirurgias é de pequeno porte, 2.160, contra 1.743 de médio porte e 336 de grande porte. Entre médio e grande porte foram realizadas 2.079 cirurgias, cerca de 5,7 por dia.

Faço esse destaque para ressaltar que boa parte de tais cirurgias decorre de acidentes de trânsito. É por isso que a sociedade de Brasília, à exceção de uma minoria fascista, concorda com a imposição de medidas repressivas aos maus condutores de veículos, verdadeiros as-

sassinos e suicidas irresponsáveis que lotam as dependências do Pronto-Socorro do HBDF. A propósito, gostaria de fazer uma sugestão aos nossos magistrados: sempre que possível, não apenas os criminosos do trânsito com 24 cestas básicas anuais. Faço-os prestar serviços comunitários no Pronto-Socorro do HBDF. Nada é mais educativo que um plantão de 24 horas às sextas-feiras, a partir das 22h. Faça-os recepcionar os corpos destroçados, as famílias desesperadas. Faça-os empurrar as macas e lavar o chão sujo de sangue.

Há dez anos, com alguns intervalos de menor dedicação, presto serviços filantrópicos em benefício direto ou indireto do Hospital de Base. Nos dois últimos anos faço parte do seu Conselho Gestor e há alguns meses sou o seu presidente. O Conselho, composto de seis membros representantes da comunidade, três representantes dos servidores e do diretor do hospital, pode influir nos destinos deste orgulho do Distrito Federal. É um esforço não remunerado, que não me exige filiação partidária e muito menos formação na área médica. Não desprezo uma oportunidade misto de sacrifício e prazer, pois ela me faz sentir mais cidadão, uma vez que o hospital pertence a todos nós. E se ele é nosso, cabe-nos conhecê-lo cada vez melhor e contribuir para o seu aprimoramento.

■ Roberto Nogueira Ferreira é presidente do Conselho Gestor do Hospital de Base do Distrito Federal, como membro representante dos usuários